



TRAGÉDIA NO SUL

Guaíba volta a subir. Frio inibe voluntários

Expectativa para os próximos dias é de inundação sem precedentes. Temperaturas despencam, e rios voltam a transbordar na Serra

» HENRIQUE LESSA
Enviado especial

Porto Alegre — O Lago Guaíba voltou a subir — passou, ontem, dos 5m — e se aproxima dos níveis históricos registrados na semana passada. Porto Alegre, uma das cidades mais castigadas pela inundação, teve uma segunda-feira gelada, com poucos voluntários na água transportando mantimentos ou tentando convencer moradores a deixar as casas alagadas.

Uma massa de ar polar derubou as temperaturas em todo o Rio Grande do Sul. Em alguns municípios, os termômetros chegaram a registrar 0°C. Na maior parte do estado, a temperatura mínima ficou em torno de 10°C. Associada à queda das temperaturas, a umidade fez a sensação térmica parecer ainda mais baixa na capital gaúcha.

Apesar da trégua da chuva, a projeção da Defesa Civil e de especialistas é que o nível do Guaíba ultrapasse 5,5m. Segundo os modelos do órgão, essa elevação significará a maior cheia já registrada na história da capital gaúcha, superando os marcos da semana passada, quando o lago que banha a capital gaúcha chegou a 5,35m, superando em muito a cheia de 1941, que registrou 4,75m.

O número de mortes causadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul subiu, ontem, para 147. Segundo balanço da Defesa Civil, 127 pessoas estão desaparecidas.

Voluntários

Na Usina do Gasômetro, que concentra a maior parte dos voluntários que chegaram de todo o país para ajudar no resgate de moradores e transporte de doações, o movimento, ontem, foi muito mais fraco do que dos últimos dias. Poucos barcos navegaram nas turbulentas águas do Guaíba. Além das correntezas e do frio, pilotos relatam que está muito difícil convencer, principalmente, moradores das ilhas, que resistem em suas casas apesar dos apelos das autoridades e de socorristas. Nos últimos dias, o trabalho tem se concentrado no resgate de animais e na entrega de

Henrique Lessa/DAPress



O mau tempo e o frio prejudicam o trabalho de resgate: ontem, poucos voluntários enfrentaram as águas barrentas do Lago Guaíba

mantimentos a esses moradores.

Para um dos organizadores da estrutura de voluntários na orla do Guaíba, o empresário Marco Rocha, de 59 anos, a maior falha tem sido a falta de coordenação do grande volume de voluntários que chegou à capital levando suas próprias embarcações para ajudar nos resgates. “Imagina você se deslocar do seu estado e não ter ninguém para organizar o trabalho aqui. Isso deveria ser feito pelo poder público, o resto todo foi feito pela iniciativa privada”, queixou-se o empresário ao **Correio**.

O corretor de seguros Ricardo Carrard dos Santos, que mora na Ilha das Flores, conta que é paciente oncológico e, mesmo descumprindo ordens médicas, vai continuar participando como voluntário. “Com o tratamento para o câncer, eu não conseguia

ficar acordado por mais de seis horas por dia. Agora, não estou conseguindo dormir nem quatro. Há uma adrenalina enorme em fazer o bem”, disse o corretor, que também aponta a deficiência na organização: “Não tem ninguém do governo para coordenar”.

Sem orientação, um grupo de bombeiros civis voluntários de São Paulo e de Brasília, que chegou a Porto Alegre com cerca de 30 pessoas, não conseguiu atuar nos resgates por falta de embarcações disponíveis. A reportagem do **Correio** questionou a prefeitura de Porto Alegre e o governo estadual sobre as críticas dos voluntários, mas, até o fechamento desta edição, não obteve resposta.

Evacuação no sul

Pelotas, a quarta cidade mais

populosa do estado, já registra a maior enchente em 83 anos, e avança no trabalho de evacuação dos moradores que vivem às margens da Lagoa dos Patos, que recebe as águas do Guaíba. O canal São Gonçalo, que liga as lagoas dos Patos e Mirim, ultrapassou o nível da cheia de 1941, de 2,88m. A prefeitura decretou, ontem, estado de calamidade no município.

Acima do nível

Dos 11 pontos de monitoramento de nível de rios e lagos, observados pela Secretaria de Meio Ambiente (Sema) do estado, oito estão acima do nível de inundação. O Rio Caí chegou à marca de 15,67m na manhã de ontem, um aumento de mais de um metro em relação ao dia anterior (**Leia mais na reportagem abaixo**). Na cidade de São Sebastião do Caí, o rio ultrapassou a cota de inundação, de 10,5m. O Rio Taquari — que, assim como o Caí, o Jacuí e o dos Sinos, deságua no Guaíba (**veja no mapa ao lado**) — também está acima do nível de inundação.

Estragos na Serra

Gramado, na Serra Gaúcha, um dos principais destinos turísticos do país, também registrou estragos provocados pelas fortes chuvas do fim de semana. Um rua desmoronou, e parte dos moradores teve que sair de casa. Nos últimos 10 dias, a Defesa Civil vem retirando pessoas que moram em áreas sujeitas a deslizamentos de terra.

Também na Serra, Caxias do Sul soma oito mortes em consequência de deslizamentos causados pelas chuvas. Um pedido do Ministério Público do Rio Grande do Sul (MPRS) foi atendido pela Justiça, autorizando a evacuação compulsória das áreas de risco no município.

Em publicação na rede social X, o governador Eduardo Leite (PSDB) informou que a situação vai piorar nos próximos dias. Ele renovou o alerta para que as pessoas que moram em áreas de risco deixem suas casas.



Valdo Virgo/CB/D.A Press

Defesa Civil reforça alertas para vale dos rios Taquari e Caí

» MAYARA SOUTO
Enviada especial

Capão da Canoa (RS) - O Vale do Caí, próximo à região da Serra gaúcha, está novamente em alerta para inundações pelo alto nível do Rio Caí, devido às chuvas persistentes dos últimos dias. A Defesa Civil emitiu alerta para a população evacuar locais que já haviam sido atingidos pelas chuvas da semana passada. No município de Montenegro, o nível do Caí atingiu, na noite de ontem, 8,73m, bem acima da cota de inundação, que é de 6m. Em 24 horas, a água subiu quase 1m. De acordo com Rafael Altenhofen, biólogo e presidente do Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Caí (Comitê Caí), a enchente está prestes a superar, pela segunda vez em intervalo de poucos dias, a maior

cheia da história da região, em 1941, quando o volume do Caí ficou em 10,2m.

O especialista explica que a régua usada para medir o nível da água do rio foi destruída pela correnteza. Para conseguir fazer a medição, ele precisou desenvolver um cálculo próprio. Por essa medida, ontem, o rio estava próximo de 9,14m, com tendência de estabilização.

“Das três maiores cheias da história do município, duas ocorreram agora, em maio de 2024, e uma em 1941. Felizmente, não será atingida a marca absolutamente extraordinária da semana passada”, explica.

Segundo o biólogo, nas áreas mais altas da bacia e da Serra, como Caxias do Sul, Nova Petrópolis e Gramado, os efeitos da enxurrada apresentaram mais danos estruturais e menos pessoas

atingidas por inundações.

A Bacia Hidrográfica do Caí, segundo o especialista, é uma das “mais críticas do Rio Grande do Sul” e é classificada, no Mapa Nacional de Contenção a Desastres, como prioritária. Porém, de acordo com ele, nunca foi feita a prevenção adequada para evitar desastres como esse. “As alterações climáticas do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) já alertavam há algum tempo”, conta.

“Nesse intervalo, de 10 dias entre um pico e outro, foi possível, talvez, apenas se recuperar do susto, mas não emocionalmente ou em termos materiais, já que boa parte do que se conseguiu em doações e limpeza durante essa semana foi perdido novamente por boa parte dos atingidos”, lamenta Altenhofen.

“Abobados”

Zoraia Câmara, 65 anos, corretora de imóveis, relembra a história contada pelo avô sobre as enchentes que atingem há anos São Sebastião do Caí, cidade vizinha a Montenegro, onde ela vive. Entre os personagens das memórias está o “abobado da enchente”.

“O abobado da enchente era um senhor que, depois de cada enchente em que perdia tudo, saía caminhando a ermo pela cidade. Hoje, eu acho que toda a cidade é meio ‘abobada da enchente’. As pessoas caminham sem guarda-chuva, sem nada e, no frio, pedem ajuda e socorro”, conta Zoraia, que abandonou a casa em que mora quando a água alcançou a altura da cama. Ela, que nunca saiu de Montenegro, sente que as enchentes estão ficando cada vez mais constantes e perigosas.

Serviço Geológico Brasileiro



Agente da Defesa Civil avalia estragos da chuva em bairros de Gramado